

A China de Xi Jinping: uma grande potência resiliente no século XXI.

Luís Antonio Paulino¹

Resumo: Sob a liderança de Xi Jinping, a China enfrentou com sucesso o maior desafio ao seu desenvolvimento no século XXI. Por meio da "Dupla Circulação" e de uma rigorosa autocrítica sobre seus pontos de vulnerabilidade tecnológica, o país mobilizou recursos para alcançar a autossuficiência e reduzir a dependência do Ocidente. Para garantir segurança material, Pequim implementou a estratégia "Fortaleza China", estocando commodities e diversificando fornecedores agrícolas, como o Brasil, para neutralizar pressões americanas. No campo da inovação, a China tornou-se líder autônoma em tecnologias críticas, superando o investimento em P&D dos EUA em termos de paridade de poder de compra. Essa evolução permitiu ao país consolidar uma resiliência que lhe permite espelhar táticas tarifárias e minimizar impactos em sua economia doméstica. A tese central é que a China emergiu da primeira fase do confronto com uma resiliência consolidada, desafiando a premissa ocidental de que um sistema centralizado não conseguiria autocorrigir-se em meio a uma competição de alta intensidade.

Palavras-Chave: China, Guerra Tarifária, Inovação Tecnológica, Economia Mundial Armada

Abstract: Under Xi Jinping's leadership, China successfully confronted the greatest challenge to its development in the 21st century. Through "Dual Circulation" and rigorous self-criticism of its technological vulnerabilities, the country mobilized resources to achieve self-sufficiency and reduce its dependence on the West. To ensure material security, Beijing implemented the "Fortress China" strategy, stockpiling commodities and diversifying agricultural suppliers, such as Brazil, to neutralize American pressures. In the field of innovation, China became an autonomous leader in critical technologies, surpassing US R&D investment in terms of purchasing power parity. This evolution allowed the country to consolidate a resilience that enables it to mirror tariff tactics and minimize impacts on its domestic economy. The central thesis is that China emerged from the first phase of the confrontation with consolidated resilience, challenging the Western premise that a centralized system could not self-correct amidst high-intensity competition.

Keywords: China, Tariff War, Technological Innovation, Armed World Economy

¹ Professor de Economia da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade estadual Paulista (UNESP).

INTRODUÇÃO

DA DISPUTA TARIFÁRIA À GUERRA PELA SUPREMACIA ESTRATÉGICA

A guerra comercial entre os Estados Unidos e a República Popular da China, formalmente desencadeada pela imposição de tarifas sob a administração de Donald Trump, rapidamente transcendeu a esfera da balança comercial para se estabelecer como um confronto estrutural pela supremacia tecnológica, pela liderança na Quarta Revolução Industrial e, fundamentalmente, pela redefinição da ordem econômica e geopolítica global. O que inicialmente parecia ser uma tática americana de coerção para forçar concessões de Pequim revelou uma realidade estratégica mais complexa: a surpreendente capacidade da China de se adaptar, de absorver os choques externos e, mais significativamente, de internalizar e até reverter as táticas de pressão americanas contra Washington e seus aliados.

Este artigo propõe uma análise aprofundada da vantagem estratégica chinesa, examinando como o planejamento estatal de longo prazo, focado na resiliência interna e na coerção externa, permitiu que a China navegasse na turbulência da rivalidade estrutural.

O texto está dividido em três partes: I) O detalhamento da estratégia chinesa de adaptação, autocrítica e construção de resiliência interna; II) A análise do uso da alavanca de recursos estratégicos e o desafio chinês à propriedade intelectual ocidental; e III) A avaliação da transição política sob Xi Jinping, o paradoxo da supercapacidade econômica e as consequências geopolíticas da crise da interdependência. A tese central é que a China emergiu da primeira fase do confronto com uma resiliência consolidada, desafiando a premissa ocidental de que um sistema centralizado não conseguiria autocorrigir-se em meio a uma competição de alta intensidade.

1. A VANTAGEM ESTRATÉGICA CHINESA NA GUERRA COMERCIAL: ADAPTAÇÃO E RESILIÊNCIA

A resposta chinesa à guerra comercial não se limitou a uma reação passiva ou a mera retaliação. Em vez disso, Pequim demonstrou uma capacidade notável de aprender e internalizar a mecânica das ferramentas de coerção econômica americanas. A aceitação da guerra comercial como uma realidade de longo prazo, endossada pelo Partido Comunista Chinês (PCC), reflete uma confiança calculada em sua capacidade de mitigar os danos e, ao mesmo tempo, reescrever as normas do comércio global em seu próprio benefício.

A China provou ser o único competidor global com a escala e a vontade política de aplicar a mesma ferramenta tarifária aos EUA, em proporção simétrica. A capacidade de resposta espelhada chinesa garante que as pressões tarifárias unilaterais de Washington terão efeito inócuo sobre seus objetivos (como reverter o déficit comercial ou impulsionar a industrialização americana), mas, em contrapartida, tendem a piorar as condições econômicas nos próprios EUA.

Analistas econômicos notaram que o risco do "tarifaço" americano ser espelhado pela China era real e provável. Essa simetria na retaliação acarreta três consequências primárias para os EUA: a) Isolamento Comercial: forçar empresas americanas a buscar fontes alternativas, muitas vezes menos competitivas e afastar parceiros tradicionais; b) Inflação Interna: as tarifas, sendo impostos pagos pelos importadores e, em última instância, repassados aos consumidores, aumentam a inflação doméstica; e c) Reforço da Resiliência Chinesa: ao retaliar, a China sinaliza ao mundo que é capaz de absorver os custos do conflito, o que, ironicamente, solidifica sua posição como um parceiro comercial resiliente para outros países.

Um dos pilares menos divulgados e mais cruciais da estratégia chinesa é o exercício de autocritica estratégica. Diferentemente da percepção ocidental de um regime que oculta falhas, o PCC demonstrou uma capacidade notável de autoanálise rigorosa para identificar vulnerabilidades críticas.

Anos antes da escalada da guerra comercial, o Ministério da Ciência e Tecnologia da China conduziu um exercício de autoavaliação que resultou na publicação de uma série de 35 artigos detalhando os chamados "pontos de estrangulamento" (The Economist_a). Estes foram definidos como as tecnologias cruciais para a economia nacional (de semicondutores a software industrial e materiais avançados) que a China não conseguia produzir internamente, criando uma perigosa dependência de importações ocidentais

A série de artigos intitulada "O que está nos sufocando?" marcou um ponto de viragem. Pequim reconheceu que a guerra comercial era, fundamentalmente, uma guerra de vulnerabilidades tecnológicas, e não apenas uma batalha de balança comercial ou de acesso a mercados (The Economist_a). A partir desse reconhecimento, o Estado central concentrou vastos recursos, mobilizando o aparato de planejamento quinquenal e o capital estatal para resolver essas dependências com urgência. Esta iniciativa acelerou drasticamente a inovação

doméstica (ou inovação dirigida pelo Estado) e abriu caminho para a redução da exposição do país. Ao mitigar suas fraquezas críticas, a China armou-se para resistir não só à pressão tarifária, mas, sobretudo, às restrições mais severas à exportação de tecnologia, conseguindo, assim, rebater a América.

A resposta econômica macroestrutural à identificação dos pontos de estrangulamento foi a política de "Dupla Circulação" (*Dual Circulation*). Lançada por Xi Jinping, esta estratégia visa reduzir a dependência da China de mercados e tecnologias externas (Circulação Externa), ao mesmo tempo em que fortalece a demanda, a produção e a inovação domésticas (Circulação Interna) (Czin, 2025).

A Dupla Circulação é, essencialmente, uma política de resiliência e autossuficiência. Ao priorizar o mercado interno e a inovação local, a China se prepara para um cenário de fragmentação econômica (*decoupling*) ou, no mínimo, de redução de riscos (*derisking*) por parte do Ocidente. A Circulação Interna garante que choques na Circulação Externa (como tarifas, sanções ou bloqueios tecnológicos) não desestabilizem a economia ou a sociedade chinesa.

A resiliência chinesa não é apenas uma questão de inovação tecnológica; ela se baseia em uma infraestrutura material de segurança de suprimentos. O presidente Xi Jinping tem conduzido uma política de construção da "Fortaleza China", garantindo acesso "à prova de Trump" a alimentos, combustíveis e metais essenciais por meio da formação agressiva de estoques.

Em antecipação a futuras turbulências geopolíticas e a possíveis mudanças de administração nos EUA, que poderiam reacender a guerra comercial, as autoridades chinesas iniciaram, desde o início de 2024, o armazenamento em massa de commodities críticas. O objetivo é limitar a exposição a futuras sanções e a choques de abastecimento globais.

O sucesso dessa política tem sido tangível. O estoque de petróleo bruto da China, por exemplo, aumentou significativamente. Grandes instalações de armazenamento, como a de Dongjiakou, atingiram mais de metade de sua capacidade total apenas dois anos após o início da operação. Esta política de estoques é central para a estratégia chinesa de se "armar" economicamente. Reservas robustas permitem que Pequim absorva pressões tarifárias e bloqueios de exportação sem que sua estabilidade interna (especialmente a segurança energética) seja ameaçada, fornecendo o fôlego necessário para o desenvolvimento e o fortalecimento de suas próprias cadeias de suprimentos.

A ênfase na formação de estoques estende-se à segurança alimentar, uma preocupação central e existencial para a sobrevivência do Partido Comunista Chinês. A dependência de importações, particularmente de soja, representava um óbvio ponto de vulnerabilidade (The Economist_b).

A estratégia chinesa para a agricultura foi pragmática e diversificada:

- Redução da Dependência Americana: devido às tarifas e aos conflitos comerciais, os EUA "deixaram de ser competitivos" no abastecimento de soja à China.
- Reforço de Laços Alternativos: Pequim reforçou maciçamente os laços comerciais com fornecedores alternativos, sobretudo com o Brasil e a Argentina, garantindo fluxos de abastecimento estáveis a partir de nações que não são aliadas diretas de Washington.

Essa diversificação demonstrou a eficácia da China em neutralizar a pressão americana ao transformar uma vulnerabilidade comercial em uma alavanca de política externa, fortalecendo relações Sul-Sul e garantindo a estabilidade interna do abastecimento alimentar para seus 1,4 bilhão de habitantes.

2. A ALAVANCA DE RECURSOS E O DESAFIO ESTRUTURAL À ORDEM GLOBAL

A China não se limita a construir resiliência; ela utiliza seu domínio sobre recursos insubstituíveis como uma poderosa ferramenta de coerção econômica contra seus adversários. O exemplo mais notório é o das Terras Raras.

As terras raras são um conjunto de 17 elementos cruciais para a produção de eletrônicos avançados, turbinas eólicas, veículos elétricos e equipamentos militares. A China detém um domínio quase total sobre este mercado, extraindo cerca de 70% dos minerais brutos globais e, de forma mais crítica, processando aproximadamente 90% do fornecimento mundial.

As restrições de exportação impostas por Pequim a esses materiais, sob a justificativa de "preocupações de segurança nacional", foram um aviso direto aos EUA e aos seus aliados. A reação de Donald Trump, que classificou as restrições como "sinistras e hostis", foi um reconhecimento implícito da dependência tecnológica das empresas americanas e europeias.

Ao ameaçar cortar o fornecimento desses ímãs e metais críticos, a China exerce uma coerção que ultrapassa o impacto das tarifas. Enquanto as tarifas punem a exportação chinesa, o controle de recursos estratégicos paralisa a produção e a inovação dos adversários.

Nesta guerra por recursos e tecnologia, a Europa emerge como a região mais vulnerável. A análise do Financial Times sublinha que o bloco europeu é o "maior perdedor" na rivalidade entre os EUA e a China por terras raras e outros materiais críticos (Glenny, 2025)

A vulnerabilidade da Europa é de natureza dupla:

- Dependência Digital Americana: forte dependência de serviços e plataformas digitais americanas (nuvem, software, redes sociais).
- Dependência de Materiais Chineses: forte dependência da indústria chinesa no processamento e no fornecimento de minerais críticos essenciais à sua própria transição energética e tecnológica (VEs, painéis solares).

Essa dupla dependência torna a Europa altamente suscetível a choques de abastecimento e à coerção de ambos os lados, limitando significativamente sua autonomia estratégica em um mundo cada vez mais fragmentado.

A garantia de recursos estende-se a commodities essenciais à segurança alimentar. O potássio, vital para os fertilizantes agrícolas, representava uma ameaça de longo prazo à segurança do abastecimento chinês, especialmente se a América do Norte tentasse usar esse recurso como trunfo.

A China neutralizou essa potencial vulnerabilidade por meio de um investimento estratégico em infraestrutura: a "Ferrovia de Potássio". Ao longo de uma década, Pequim investiu pesadamente na construção de uma ferrovia de 1.000 km ligando Kunming, no sul da China, ao Laos. Esta linha tornou-se um conduto crucial para garantir o acesso robusto e seguro às vastas reservas de potássio laocianas (Chen, 2025).

Essa jogada demonstra a eficácia da diplomacia de infraestrutura (elemento central da Iniciativa do Cinturão e Rota - BRI) em contornar a dependência comercial tradicional. Em vez de confiar em contratos de fornecimento em mercados voláteis, a China investe em ativos físicos de longo prazo que garantem o fluxo de materiais estratégicos, transformando uma vulnerabilidade em uma linha de abastecimento robusta e controlada.

A questão mais insidiosa e fundamental da guerra comercial reside numa disputa técnica e disruptiva que afeta o futuro das cadeias de suprimentos e o equilíbrio de poder tecnológico: a chamada "questão latente", que engloba a Propriedade Intelectual (IP) e a redefinição das regras de origem (Stevenson, 2025).

Subjacente à disputa comercial está a alegação americana de roubo sistemático de tecnologia e de violação da propriedade intelectual chinesa. Os EUA consideram a proteção de IP como a verdadeira causa do desequilíbrio econômico e tecnológico de longo prazo.

Contudo, a China rebate essa acusação com um fato inegável: o País é hoje o maior depositário mundial de patentes. O crescimento chinês em P&D é meteórico e autônomo. De acordo com o Instituto Australiano de Política Estratégica, enquanto a China liderava apenas três das 64 tecnologias críticas entre 2003 e 2007, ela se tornou o principal país em 57 delas entre 2019 e 2023. Desde 2013, os gastos anuais com P&D aumentaram em mais de US\$ 480 bilhões em termos de paridade de poder de compra, ultrapassando o investimento americano (Parikh, 2025).

Conforme afirma And Xie, em artigo publicado no South China Morning Post (XIE, 2026):

A China gastou 3,93 trilhões de yuans (US\$ 568,8 bilhões) em pesquisa e desenvolvimento no ano passado, o que corresponde a 2,8% do produto interno bruto. No entanto, esse número ainda subestima a extensão da pesquisa chinesa. Os gastos com pesquisa são mais abrangentes na China do que no Ocidente. Por exemplo, o processo de pesquisa e desenvolvimento de medicamentos custa muito mais nos Estados Unidos do que na China. A P&D na China é, portanto, mais rentável do que no Ocidente – pelo menos cinco vezes, na minha estimativa. Isso elevaria os gastos com P&D da China para US\$ 2,8 trilhões – um valor sem precedentes. E a transição da China para a pesquisa está longe de terminar.

Essa evolução sugere que, embora a transferência tecnológica (muitas vezes forçada, noutras vezes facilitada por joint ventures) tenha sido um pilar do crescimento inicial, a China alcançou um patamar de inovação nativa e autossuficiente em setores-chave. A insistência na acusação de "roubo de IP" parece cada vez mais um argumento obsoleto, utilizado para justificar barreiras comerciais contra um competidor que se tornou, legitimamente, superior em determinadas áreas tecnológicas.

A questão técnica latente que ameaça a estabilidade regional é o critério que as autoridades americanas adotarão para definir o país de origem das importações. Num mundo de cadeias de suprimentos fragmentadas, em que bens manufaturados (de celulares a automóveis) contêm componentes de dezenas de países, a forma como Washington define esta origem é central para o seu objetivo de reduzir o papel da China como ponto de partida da produção global.

A falta de clareza nesta definição gera imensa incerteza, especialmente no Sudeste Asiático. Países como Vietnã e Tailândia, que atuam como centros logísticos e de montagem de produtos com componentes chineses, temem que suas exportações sejam atingidas pelas tarifas americanas caso seus produtos finais sejam classificados como de origem chinesa. Esta incerteza exerce uma pressão imensa sobre os aliados e parceiros americanos na região, forçando uma reconfiguração da cadeia global de suprimentos.

3. CENTRALIZAÇÃO, PARADOXOS DO SUCESSO E A CRISE DA INTERDEPENDÊNCIA

A ascensão de Xi Jinping à liderança do PCC em 2012 sinalizou uma reorientação profunda da estratégia nacional, marcando o fim da era da "Reforma e Abertura" de Deng Xiaoping. O projeto de Deng, que priorizava o crescimento e a liderança coletiva, gerou vulnerabilidades críticas, como a corrupção endêmica, a indecisão política (paralisia das facções) e uma crescente dependência de economias estrangeiras (Czin, 2025).

Para Xi, o modelo descentralizado de Deng, herdado por seu antecessor, Hu Jintao, era a origem das "doenças" do Partido. A corrupção sistêmica e a incapacidade de Hu de impor reformas diante dos interesses de facções (ligadas, por exemplo, a Jiang Zemin) convenceram Xi de que o projeto do PCC só poderia ser resgatado com uma liderança forte e centralizada. A consolidação do poder pessoal e o desmantelamento da liderança coletiva não foram apenas uma busca por poder, mas uma estratégia para garantir a sobrevivência e a resiliência do regime diante das vulnerabilidades decorrentes da própria prosperidade de quatro décadas (Schell, 2025).

Um ponto irônico e crucial da nova estratégia de Xi é a capacidade do sistema chinês, supostamente fechado e opaco, de reconhecer e corrigir falhas de curso. Enquanto a teoria política ocidental atribui a resiliência à abertura ao debate e à crítica, o aparato centralizado da China, onde os oficiais tendem a esconder erros, paradoxalmente demonstrou ser hábil

para identificar e remediar fraquezas estruturais (como os pontos de estrangulamento). A estratégia de Xi funciona ao transformar crises (sejam elas comerciais ou internas, como a corrupção) em oportunidades para a consolidação do poder e o aumento da resiliência nacional.

A evolução da estratégia econômica chinesa, focada em elevar a manufatura a alto valor agregado sob o conceito de "novas forças produtivas", gerou um novo e grave desafio: a supercapacidade (*overcapacity*). A China se tornou a "fábrica do mundo" na produção de tecnologias verdes e baratas, como veículos elétricos (VEs), baterias e painéis solares, dominando cerca de 80% da cadeia de suprimentos global de energia solar.

A superprodução de bens de alto valor agregado, apesar de ter impulsionado a China à liderança tecnológica, não se deve primariamente à falta de demanda doméstica (que ainda é forte em setores como VEs) nem a subsídios diretos. A raiz do problema reside em um surto de oferta extraordinário e aparentemente incontrolável, impulsionado pela estrutura interna do sistema político-econômico chinês.

O sistema de avaliação e promoção de quadros do PCC recompensa funcionários locais principalmente pela capacidade de gerar crescimento, emprego e receitas fiscais em suas jurisdições. Isso incentiva uma "expansão cega" em setores-chave, frequentemente liderada por empresas privadas e locais (e não apenas por estatais). O resultado é uma guerra de preços, interna e global, que comprime os lucros, leva à deflação e enfraquece o consumo doméstico, aprofundando a desaceleração estrutural da China (Lee, 2025).

Ciente de que tal comportamento por parte das autoridades locais é danoso para a economia chinesa como um todo, o Partido Comunista Chinês vem orientando as autoridades provinciais a adotarem outra perspectiva, priorizando o investimento de acordo com as vantagens comparativas locais e não atuando em bando, com todos querendo produzir tudo. Tal orientação foi explicitada em editorial do jornal Diário do Povo, órgão oficial do Partido Comunista Chinês, conforme informam Alice Li e Sylvia Ma, em artigo publicado no South China Morning Post (Li e Ma, 2026):

Com o início do período abrangido pelo próximo plano quinquenal da China, o jornal oficial do Partido Comunista Chinês instou os governos locais a refrearem o comportamento de manada que pode alimentar a "involução" – a competição acirrada que reduziu os preços e prejudicou o crescimento sustentável em diversos setores. "A China tem um vasto território, e os desequilíbrios entre regiões e entre áreas urbanas e rurais permanecem significativos. Não existe uma solução única para

o desenvolvimento de alta qualidade”, afirmou o Diário do Povo em um editorial na quarta-feira. “Caso contrário, acabaríamos com cidades idênticas e com um ciclo de ‘involução’ que não leva a lugar nenhum.” O editorial pediu que as localidades aproveitassem suas vantagens comparativas e aprofundassem suas pesquisas sobre caminhos de desenvolvimento diferenciados, adaptados aos seus recursos, geografia e indústrias existentes, em vez de seguir tendências cegamente. “[As autoridades locais] devem evitar aderir a modismos políticos ou se obcecaram com rótulos de ‘novo e alta tecnologia’ por si só. Essa pressa, seguida de um abandono abrupto posterior, cria uma bagunça.”

O problema da supercapacidade e da fraca demanda doméstica aponta para o maior desafio estratégico de longo prazo: o reequilíbrio da economia, com o foco saindo da infraestrutura e das exportações (investimento) para o consumo das famílias.

Este debate não é novo. O ex-primeiro-ministro Wen Jiabao, em 2007, já havia levantado a questão, descrevendo o modelo econômico chinês da época como contendo os "quatro in-s": instável, desequilibrado, descoordenado e insustentável. A participação do consumo das famílias no PIB chinês, em torno de 40%, é incomumente baixa para uma economia avançada e reflete um desequilíbrio crônico mantido há quase duas décadas.

Para economistas como Stephen S. Roach, a China cometerá um erro estratégico se o 15º Plano Quinquenal (2026-2030) se concentrar apenas na ascensão tecnológica, negligenciando o consumo. A sugestão estratégica é estabelecer uma meta explícita para aumentar a participação do consumo das famílias no PIB de 40% para 50% até 2035 (Roach, 2025).

Adicionalmente, Huang Yiping defende a necessidade de uma política macroeconômica "mais agressiva", sugerindo que o governo central chinês "tome mais empréstimos" para injetar liquidez e impulsionar a demanda doméstica. Essa intervenção fiscal direta é considerada essencial para corrigir os balanços patrimoniais afetados pela crise imobiliária e sustentar a meta de crescimento (Siqi, 2025). O desafio de Xi é usar sua autoridade centralizada para impor esse reequilíbrio, passando do paradigma de "fazer mais" para o de "consumir mais".

A rivalidade EUA-China desencadeou uma transição sísmica da interdependência mutuamente benéfica para uma crise de interdependência, marcada pela ascensão da coerção econômica como a ferramenta primária da política externa.

A consequência geopolítica mais profunda da rivalidade é o surgimento da "Economia Mundial Armada" (*The Weaponized World Economy*). O poder econômico deixou de ser apenas um instrumento de prosperidade para se tornar uma arma estratégica utilizada para punir adversários e obter concessões (Farrell e Newman, 2025)

Ambos os lados empregam táticas de coerção:

- Coerção Americana: Utiliza sanções financeiras, o sistema de controle de exportações de semicondutores e tarifas unilaterais (Seção 301). A crítica é que essa instrumentalização do sistema financeiro global (dominado pelos EUA) está, ironicamente, alienando os "Estados-Pêndulo" (Swing States), impulsionando-os a se aproximarem de blocos alternativos (como o BRICS) e solidificando um contrapeso estratégico liderado por China e Rússia.
- Coerção Chinesa: Responde com seus próprios controles de exportação de materiais estratégicos (terras raras) e com a ameaça de limitar a exportação de equipamentos cruciais para a fabricação de semicondutores.

O contexto da rivalidade é profundamente geopolítico, centrado na estrutura da ordem global. A China, por meio de seu principal diplomata, Wang Yi, manifesta abertamente sua preferência pela emergência de um "mundo multipolar", rejeitando as "regras da casa" impostas por "poucas nações" (crítica velada ao unilateralismo americano).

Pequim promove a narrativa de que o poder global está se difundindo, celebrando o "Tempo do Sul" (Southern Time) na governança global com o acolhimento de grandes cúpulas por países como o Brasil, a África do Sul e o Catar. A busca chinesa pela multipolaridade não é passiva; é impulsionada ativamente pela reação de outros países às políticas americanas. A ameaça de um mundo multipolar é, na visão chinesa, apenas ao status quo de um mundo unipolar, sendo a multipolaridade a meta estratégica para uma ordem global mais justa e menos "politizada" por questões econômicas.

4. CONCLUSÃO

A China emergiu da primeira fase da rivalidade estrutural com uma vantagem estratégica consolidada, não por evitar os custos do confronto, mas por capitalizar sua capacidade de planejamento de longo prazo e autocrítica. Sua estratégia de resiliência baseia-se em quatro pilares interligados:

- Resiliência Interna Profunda: Superação das vulnerabilidades tecnológicas ("pontos de estrangulamento") e garantia de reservas estratégicas de recursos críticos (como combustíveis, alimentos e metais).
- Coerção Externa Assimétrica: Uso da alavanca de recursos estratégicos (Terras Raras, potássio) e da infraestrutura (Ferrovia Laos-China) para se relacionar com aliados e adversários, explorando vulnerabilidades como a dupla dependência europeia.
- Adaptação Tática e Espelhamento: Capacidade de espelhar as táticas tarifárias americanas, minimizando o impacto doméstico e garantindo que o custo econômico (inflação, isolamento) se transfira para o lado americano.
- Desafio Estrutural e Reconfiguração Global: Foco no desafio de fundo da Propriedade Intelectual (reforçado pela própria inovação chinesa) e na redefinição das regras de origem, visando à reconfiguração da cadeia de suprimentos global que beneficie a autonomia da China.

O futuro da estratégia chinesa dependerá de sua capacidade de usar sua autoridade centralizada para impor o reequilíbrio econômico—passando do "fazer mais" para o "consumir mais"—e de navegar pelas tensões com os EUA. Ao confrontar os "reveses do sucesso" (como a supercapacidade) com planejamento e ambição geopolítica, a China de Xi Jinping redefine o significado de uma grande potência resiliente no século XXI.

REFERÊNCIAS

- BELA, V. *China and the US should “meet each other halfway” to solve disputes: Wang Yi*. *South China Morning Post*, 27 out. 2025. Disponível em: <<https://www.scmp.com/news/china/diplomacy/article/3330515/china-and-us-should-meet-each-other-halfway-solve-disputes-wang-yi>>. Acesso em: 1 nov. 2025.
- BRADSHER, K.; SAIEED, Z. *Chinese and U.S. Officials Reach Framework of a Trade Deal*. *New York Times*, 26 out. 2025. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2025/10/26/business/china-us-trade.html>>. Acesso em: 1 nov. 2024.
- CHA, V.; KIM, E.; LIM, A. *China’s trade bullying calls for an Article 5*. *Washington Post*, 27 out. 2025. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/opinions/2025/10/27/china-trade-rare-earth-minerals-leverage/>>. Acesso em: 1 nov. 2025.
- CHATTERJEE, S.; SUBRAMANIAN, A. *The New “China Shock” Is Hitting Poor Countries the Hardest*. *Project Syndicate*, 20 out. 2025. Disponível em: <<https://www.project-syndicate.org/commentary/china-manufacturing-surplus-costs-for-low-middle-income-countries-by-shoumitro-chatterjee-1-and-arvind-subramanian-2025-10>>. Acesso em: 1 nov. 2025.
- CHEN, S. *The “potassium railway”: how North America lost a trump card in trade war with China*. *South China Morning Post*, 19 out. 2025. Disponível em: <<https://www.scmp.com/news/china/science/article/3329355/potassium-railway-how-north-america-lost-trump-card-trade-war-china>>. Acesso em: 1 nov. 2025.
- CZIN, J. A. *China Against China*. *Foreign Affairs*, nov./dez. 2025. Publicado em 21 out. 2025. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/china/against-china-xi-jinping-jonathan-czin>>. Acesso em: 1 nov. 2025.
- FARRELL, H.; NEWMAN, A. *The Weaponized World Economy: Surviving the New Age of Economic Coercion*. *Foreign Affairs*, set./out. 2025. Publicado em 19 ago. 2025. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/united-states/weaponized-world-economy-farrell-newman>>. Acesso em: 1 nov. 2025.
- FONTAINE, R.; MCKINLEY, G. *Losing the Swing States: Washington Is Driving the BRICS to Become an Anti-American Bloc*. *Foreign Affairs*, 27 out. 2025. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/united-states/losing-swing-states>>. Acesso em: 1 nov. 2025.
- GLENNY, M. *FT/ Análise: Europa é a maior perdedora na guerra EUA-China por terras raras*. *Valor Econômico*, 19 out. 2025. Disponível em: <<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2025/10/19/ftanalise-europa-e-a-maior-perdedora-na-guerra-eua-china-por-terras-rara.ghml>>. Acesso em: 1 nov. 2025.
- LEE, L. C. *The China Model’s Fatal Flaw: Why Beijing Can’t Overcome Overcapacity*. *Foreign Affairs*, nov./dez. 2025. Publicado em 21 out. 2025. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/china/china-models-fatal-flaw-lizzi-lee>>. Acesso em: 1 nov. 2025.
- LI, A.; WONG, K. *US-China framework deal only “first step” towards ending trade war: analysts*. *South China Morning Post*, 27 out. 2025. Disponível em: <<https://www.scmp.com/economy/china->

economy/article/3330479/us-china-framework-deal-only-first-step-towards-ending-trade-war-analysts>. Acesso em: 1 nov. 2025.

LI, A.; MA, S. *China discourages trend-chasing among officials, warning of “involution”*. *South China Morning Post*, 7 jan. 2026. Disponível em: <<https://www.scmp.com/economy/china-economy/article/3339062/china-discourages-trend-chasing-among-officials-warning-involution>>. Acesso em: 13 mar. 2026.

LIU, Z. Z. *How China Armed Itself for the Trade War*. *Foreign Affairs*, 29 abr. 2025. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/united-states/how-china-armed-itself-trade-war>>. Acesso em: 1 nov. 2024.

O ESTADO DE S. PAULO. *Trump diz que EUA querem “ajudar a China, não prejudicá-la” e que Xi Jinping não quer uma depressão*. *O Estado de S. Paulo*, 12 out. 2025. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/economia/trump-diz-que-eua-querem-ajudar-a-china-nao-prejudica-la-e-que-xi-jinping-nao-quer-uma-depressao/>>. Acesso em: 1 nov. 2025.

PARIKH, T. *China’s innovation paradox*. *Financial Times*, 19 out. 2025.

ROACH, S. S. *China Needs a Consumption Target*. *Project Syndicate*, 27 out. 2025. Disponível em: <<https://www.project-syndicate.org/commentary/china-five-year-plan-must-set-target-for-household-consumption-as-share-of-gdp-by-stephen-s-roach-2025-10>>. Acesso em: 1 nov. 2025.

SHELL, O. *Miseducation of Xi Jinping: How a Father’s Struggle Revealed the Price of Power*. *Foreign Affairs*, nov./dez. 2025. Publicado em 20 out. 2025. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/reviews/miseducation-xi-jinping>>. Acesso em: 1 nov. 2025.

SHI, J. *China’s top diplomat Wang Yi hails “multipolar world” ahead of Trump-Xi talks at Apec*. *South China Morning Post*, 27 out. 2025. Disponível em: <<https://www.scmp.com/news/china/diplomacy/article/3330512/chinas-top-diplomat-wang-yi-hails-multipolar-world-ahead-trump-xi-talks-apec>>. Acesso em: 1 nov. 2025.

SIQI, J. *China should step up borrowing to boost domestic demand, economist says*. *South China Morning Post*, 27 out. 2025. Disponível em: <<https://www.scmp.com/print/economy/policy/article/3330430/china-should-step-borrowing-boost-domestic-demand-economist-says>>. Acesso em: 1 nov. 2025.

STEVENSON, A. *The “Sleeper Issue” at the Heart of Trump’s Trade War on China*. *New York Times*, 25 out. 2025. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2025/10/25/business/trump-tariffs-southeast-asia-transshipment.html>>. Acesso em: 1 nov. 2025.

THE ECONOMIST_a. *China is using America’s own trade weapons to beat it*. *The Economist*, 23 out. 2025. Disponível em: <<https://www.economist.com/briefing/2025/10/23/china-is-using-americas-own-trade-weapons-to-beat-it>>. Acesso em: 1 nov. 2025.

THE ECONOMIST_b. *China’s Secret Stockpiles have been a great success – so far*. *The Economist*, 26 out. 2025. Disponível em: <<https://www.economist.com/finance-and-economics/2025/10/26/chinas-secret-stockpiles-have-been-a-great-success-so-far>>. Acesso em: 1 nov. 2025.